

Sarney tenta adiar sucessão

Jomar Morais

Quem não se lembra das bravatas do desastrado general João Figueiredo, dizendo-se enfastiado da Presidência da República enquanto nos bastidores ensaiava o golpe para ficar mais dois anos no cargo? E quem não se recorda da voz metálica de Paulo Salim Maluf trombetando pelos quatro pontos cardeais que "sucessão é assunto para o próximo ano", enquanto na moita acelerava o trato que acabaria por esmagar Aureliano Chaves, Mario Andreazza e — suprema ironia do erro de cálculo — o próprio Maluf?

Certamente ninguém esquece fatos tão recentes, cenas de um passado que parece que foi ontem. Memória ativada ou não, no entanto, é bom que não se perca de vista o óbvio. O ilusionismo está de volta e neste show os artistas podem ser outros, mas os números são sempre os mesmos. Como no passado, no centro do palco, um presidente acuado esquece juras e promessas e atira-se a manobras para ficar seis anos no Palácio, doa em quem doer. Ao seu redor, candidatos a sucessor iniciam a dança da antropofagia, ávidos por morder-lhe o mandato e tomar-lhe a cadeira.

A sucessão está deflagrada e, em que pese todos os desmentidos, rodeios e dissimulações, a verdade é que os presidencialistas de hoje já reeditam a corrida de 1983/84, com muita barganha e dinheiro rolando escada abaixo para que alguns se movam rampa acima. É possível contê-la? Talvez o presidente José Sarney imagine que sim, o que é provável pela desenvoltura com que ele acaba de arquivar sua opção pública por um mandato de quatro anos para agarrar-se aos seis anos que os políticos lhe concederam do alto do Colégio Eleitoral. Sem a popularidade, devorada ainda que temporariamente pelo pacote econômico, o presidente, porém, arrisca-se a uma queda de braço na qual dificilmente resistirá ao poder de fogo dos que pretendem substituí-lo.

Na semana passada, o governador Franco Montoro, o atleta mais ousado dessa maratona, fazia as contas das estacas que já fincara fora de seu estado e parecia ter motivos para sorrir com o futuro de sua candidatura. Na largada, Montoro conseguiu capturar o apoio de um peso-pesado, o governador eleito do Rio de Janeiro, Wellington Moreira Franco — para quem teria aberto as portas do sucesso eleitoral ao convencer o presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães, de que se tratava de um nome mais viável do que o do senador Nelson Carneiro, para enfrentar o candidato de Leonel Brizola. Tem como certo o engajamento do futuro governador do Ceará, Tasso Jereissati, de cuja candidatura, patrocinada pelo governador Gonzaga Mota, ele foi padrinho. E seus assessores não hesitam em relacionar entre aliados pelo menos mais quatro governadores recém-saídos das urnas: o catarinense Pedro Ivo, o mato-grossense Carlos Bezerra, o gaúcho Pedro Simon e o baiano Waldir Pires.

Falta a Montoro a manifestação de seu próprio sucessor, Orestes Quercia, uma peça que no xadrez de sua

candidatura pode embaralhar o jogo e ajudar a Sarney conseguir os seis anos que, para Quercia, teriam a vantagem de guindá-lo à condição de presidenciável exatamente no último ano de seu governo. Mesmo assim, o governador de São Paulo é de longe o que se apresenta com melhor munição numa guerra em que seus adversários tentam surpreendê-lo com artifícios de guerrilha.

O senador eleito José Richa, candidato desde o tempo em que governava o Paraná escorado num índice de 80% de popularidade, por exemplo, mexe-se nas cercanias do Palácio do Planalto e seus amigos já o rotulam de "candidato do peito do Sarney". Richa conta com o aval do ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, tem procurado reforçar o seu esquema de apoios incensando uma tese agradável ao atual presidente — o mandato de cinco anos —, mas é no próprio celeiro de Montoro é do deputado Ulysses Guimarães que ele vem armando seu lance mais audacioso. Nos últimos dias, Richa selou acordos com filiados da poderosa Federação das Indústrias de São Paulo e de seu caderno de aliados já consta, além do de Nelson Carneiro — cuja candidatura para a presidência do Senado ele é um dos patrocinadores —, o nome do senador mais votado na história do país: o paulista Mario Covas.

Obviamente, nesse quadro onde a soja mistura-se ao café antes do leite, muita água deverá correr nos próximos meses. E a primeira enxurrada virá de Minas, apesar da mineirice com que o governador Helio Garcia administra no nascedouro a sua candidatura presidencial. "Não vou entrar nessa dança agora", diz Garcia, com a esperteza de quem quer espionar primeiro os movimentos dos adversários para então saltar no campo de batalha. Único dos presidencialistas peemedebistas que tem arestas com o Palácio do Planalto, o governador de Minas fará sua estréia sobraçando o trunfo de ter feito a maior bancada da constituinte (36 deputados), de ter quebrado todas as tradições mineiras e feito o seu sucessor apesar da oposição da dissidência peemedebista e do governo federal e o de identificar-se com a figura de Tancredo Neves, de quem foi fiel escudeiro.

Com tanta sede na corrida ao pote, o esforço do presidente para salvar o seu mandato integral com certeza deverá ter o mesmo destino das manobras prorrogacionistas de Figueiredo, sepultadas no jogo de uma campanha por diretas já, apesar do apoio recebido à época do governador Leonel Brizola. A partir daí, é esperar para ver uma guerra sucessória no seu estilo mais tradicional. A menos, é claro, que o povo entenda o Cruzado II, o presidente dê a volta por cima e o Brasil volte a sorrir para Sarney.

